

Declara, certa vez, uma criança,  
a provocar os risos de seus pais:  
“Quando crescer, eu quero ser arrais!”  
Numa terra repleta de esperança,

junto ao mar, pouco a pouco, a idade avança.  
Chega cada vez mais perto do cais,  
navega em busca de seus ideais  
e, um dia, finalmente, ao mar se lança.

Ao leme de uma imensa embarcação,  
vai trazendo divisas à Nação,  
e se faz, na Marinha, um pioneiro.

Com galhardia, enfrenta a tempestade  
e ensina que, com força de vontade,  
é que nasce um herói – o marinheiro!

Renata Paccolla Frischkorn, Ideal; de Tempo, 1998  
Rua Cafelândia 53  
01255-030 – São Paulo, SP

Há um estranho momento desta vida  
em que o velho adota a criança  
e o impossível se faz a esperança  
na qual minha alma se viu consumida.

E a coitada, de quimeras suprida,  
já com duendes fazendo aliança,  
acerta os passos de jocosa dança,  
rodopiando na pista florida.

Na ampulheta a areia deslizando,  
de tal delírio, as horas debitando,  
até que o tempo quase se esgotou.

Hércules, interveio o raciocínio,  
antes de tocar-me o total declínio,  
ainda a tempo de saber quem sou!

Ponta Grossa, 010410  
Fernando Sylvio R. de Vasconcelos,  
Razão da Caluda

Che scuitá strella, né meia strella!  
Vucê stá maluco! e o io ti diró intanto,  
chi p'ra iscuitalas moltas vez livanto,  
i vô dá una spiada na gianella.

I passo as notte acunversário c'oealla  
inguanto che as otra lá d' un canto  
stó mi spiano. I o sol come un brigliantio  
naçe. Oglio p'ru céu: – cadê strella?

Direis intó: – O' migno inlustre amigo!  
o chi é chi as strellas ti dizia  
quano illas viéoro acunversá contigo?

E io ti diró: – Studi p'ra intendela,  
pois só chi giá studó Astrolomia,  
e' capazi di intendê istas strella.

Juó Bananére (Alexandre Ribeiro Marcondes Machado  
(1892-1933), Uvi Strella; em OESP Cultura de 011007

Orientando o Bandeirante  
na paisagem brasileira,  
descortinava pujante  
a Serra da Mantiqueira!

José Raul Vinci, em  
Trevo na Trova 0109

Num mundo tão insensato  
de odios, revides, malfeitos,  
só é vencedor de fato  
quem vence os próprios defeitos!

Lourdes Regina F. Gutbrod, em  
Milênio 0104

Pra quem tem língua de trapo  
porque tem cabeça ôca,  
o remédio é esparadrapo,  
pra fechar a sua boca.

Aristóteles Lacerda Júnior, Fuchiqueiro;  
em Fanal 0110

Enquanto o pobre no asfalto,  
cava até a própria ruína,  
há sempre alguém no planalto  
que encontra o mapa da mina...

Alba Christina Campos Netto, em  
Anexo BI UBT SP 0110

É princípio e fim da estrada  
a madeira, nesta vida,  
pois dela é o berço, na entrada,  
dela é o caixão na saída...

José O. Fonseca, em  
Estro 0177

Toda vez que se separa,  
o que incomoda a infeliz  
é ter que entrar numa vara  
para falar com o juiz...

José Ouverney, em  
Trovelegre 0110

L A C H A R C A

Era una charca pequena, toda pútrida. Quanto cayó en ella se hizo impuro: las hojas del árbol próximo, las plumillas de un nido, hasta los vermes del fondo, más negros que los de otras pozas. En los bordes, ni una brizna verde.

El árbol vecino y unas grandes piedras la rodeaban de tal modo, que el sol no la miró nunca ni ella supo de él en su vida.

Mas un buen día, como levantarán una fábrica en los alrededores, vinieron obreros en busca de las grandes piedras.

Fue eso en un crepúsculo. Al día siguiente el primer rayo cayó sobre la copa del árbol y se deslizó hacia la charca.

Hundió el rayo en ella su dedo de oro y el agua negra como un betún, se aclaró: fue rosada, fue violeta, tuvo todos los colores: ¡un ópalo maravilloso!

Primero, un asombro, casi un estupor al traspasarla la flecha luminosa; luego, un placer desconocido mirándose transfigurada; después... el éxtasis, la callada adoración de la presencia divina descendida hacia ella.

Gabriela Mistral (Lucila Godoy Alcayaga 1889-1957), de Desolación;  
Editorial Espasa-Calpe, Madrid, 6ª edición, 1983

Los vermes del fondo se habían enloquecido en un principio por el trastorno de su morada; ahora estaban quietos, perfectamente sumidos en la contemplación de la placa áurea que tenían por cielo.

Así la mañana, el mediodía, la tarde. El árbol vecino, el nido del árbol, el dueño del nido, sintieron el estrechamiento de aquel acto de redención que se realizaba junto a ellos. La fisonomía gloriosa de la charca se les antojaba una cosa insólita.

Y al descender el sol vieron una cosa más insólita aún. La caricia cálida fue durante todo el día absorbiendo el agua impura insensiblemente. Con el último rayo subió la última gota. El hueco gredoso quedó abierto, como la órbita de un gran ojo vaciado.

Quando el árbol y el pájaro vieron correr por el cielo una nube flexible y algodonesa, nunca hubieran creído que esa gala del aire fuera su camarada, la charca de vientre impuro.

(Ano 0, nº 0, SF 9612)

Para las demás charcas de aquí abajo, ¿no hay obreiros providenciales que quiten las grandes piedras?

Por que pariste,  
jovem sem aliança,  
esta pobre criança,  
que a tudo resistes,  
que por tudo insiste,  
sem a desconfiança  
de que de tudo o mais triste  
é que ela simplesmente existe!

Eu era *café com leite*  
em minha infância perdida.  
Hoje, sou mais um enfeite:  
*café com leite* na vida!

Atrás de uma bola  
sempre vem uma criança.  
Atrás de uma criança,  
sempre vem uma mãe aflita.

No more lips and no more kisses.  
No more eyes and no more tears.  
No more days and no more nights.  
No more months and no more years.  
No more arms and no more fights.  
But... everything will be all right.

The End

– Oi.  
– Oi.  
– Tudo bem?  
– Tudo bem. E você?  
– Tudo bem também.  
– Que bom.  
– O que você fez ontem?  
– Fui ao *shopping*.  
– Comprou alguma coisa?  
– Comprei uma garrafa térmica.

– Que bom.  
– E você, o que fez?  
– Fui à farmácia.  
– É?! E o que viu lá?  
– Vi algodão de todas as cores.  
– Que lindo!  
– Amanhã a gente se encontra no dentista.

– Tá.  
– Pense em mim hoje à tarde.  
– Tá.

Vazio

Quando não há mais limite,  
quando tudo se admite,  
quando o céu já se permite  
humildemente me abraçar,  
eu percebo de repente  
que essa estrela cintilante,  
que me alegria neste instante,  
hoje em dia simplesmente  
já não existe mais.

De tanto andar perseguindo  
o sol do novo amanhã,  
esqueci de andar sentindo  
o sol de cada manhã.

Renata Paccolla Frischkorn  
Rua Cafelândia 53,  
01255-030 – São Paulo, SP; de  
Tempo, 1998

A favela à luz da lua,  
é um presépio em miniatura.  
Mas, ante o sol, triste e nua  
tem de um calvário a estatura.

Domitilla Borges Beltrame, em Trovelegre 0110

A quem posso chamar de mestre.

Primeiro, àqueles que  
preparam a aula do dia seguinte  
pensando no cidadão de amanhã.

Depois, àqueles que  
honram seus compromissos  
em nome da ética e da cidadania.

Àqueles, que com amor,  
respeitam seus educandos  
ajudando-os a vencer obstáculos  
e construir conhecimentos;

àqueles que não se cansam de ensinar  
e sabem que ensinando, estão aprendendo;

àqueles, que apesar de seus saberes  
continuam respeitando  
os saberes dos menos letrados;

àqueles, que tem seus prazeres,  
orgulhos, invejas e avarezas intelectuais  
sob controle;

àqueles, que têm como ideal,  
a coragem de lutar  
pela inclusão dos excluídos.

Mestres, muito obrigada,  
e parabéns pelo seu dia.

Maria Iracema Gomes Lacerda Menendez

Sempre que vejo o teu vulto,  
ao longe, na tarde calma,  
um romântico tumulto  
toma conta de minha alma!

Maria Reginato Labruciano, em Trovelegre 0110

Meu perdão foi em tributo  
a uma lágrima suspensa  
– um detalhe diminuto,  
mas, que fez a diferença...

Darly O. Barros, em Trovelegre 0107



SAGITÁRIO: SIGNO DO FOGO

Sagitário é o nono signo do zodíaco  
(22 de novembro a 21 de dezembro);  
é regido por Júpiter e o seu elemento é o fogo.  
O signo complementar de Sagitário é Gêmeos;

seu oposto é Touro.

As principais características  
do signo de Sagitário são:  
combatividade, otimismo e sinceridade.

Help! Multi Mídia Estadão HMI 018

Sagitário 23.11 a 22.12

Personagem típico:

Henry Higgins, em  
Pigmalião (1913), de  
George Bernard Shaw (1856-1950);  
My Fair Lady, Musical 1956, Lerner e Loewe.

The Brazilian Living Webster Encyclopedic Dictionary  
of the English Language 1973

**E S C O L A**

EXCLUIR ENSINAR

REPROVAR E CULPAR  
O ALUNO:  
**CONFIDENCIAL**  
CÔMODO E/OUIMORAL!?

Lá vive Palmares no topo da serra,  
refúgio seguro do escravo fugido,  
lançando aos tiranos

seu grito de guerra,  
rebelde, possante, tenaz, desabrido.  
Mil vezes a morte  
que açoite infamante!

que sonho – ser livre!  
– no peito lhes cala!

afitos, buscando o quilombo distante,  
mil vezes a luta que a paz da senzala!  
Um homem valente, mais forte na luta,  
mais ágil, mais bravo,  
mais firme, aguerrido,

à frente da praça, pugnaz, resoluta,  
comanda os heróis do fortim destemido.  
Se tudo é perdido e Palmares vencida,  
no peito de um chefe

a coragem não morre,  
do alto de um monte se atira o suicida,  
quem sonha ser livre,  
da morte não corre!

A Pátria na História mantém o renome,  
da glória dos negros, heróis invulgares,  
e a lenda realça mais alto esse nome,  
do bravo entre os bravos:

Zumbi dos Palmares!  
Sólón Borges dos Reis,  
Zumbi dos Palmares

A todos, arteira,  
de leve, beijar se atreve,  
a brisa fagueira.  
Brejeirice

Virações ociosas,  
no mar, estão a soprar  
ondas preguiçosas...  
Mansidão

Aparenta estar  
ali, imóvel colibri,  
espetado no ar.  
Proeza

Ao sonho convida...  
Brejeira está a cerejeira  
inteira florida!  
Exótico

Os peixes renovam  
proezas nas correntezas...  
Cardumes desovam.  
Piracema

Tem um doce furo  
inteiro, no mamoeiro,  
o mamão maduro.  
Sanhaços

Sebas Sundfeld, de  
Haicais Guilhermianos, 2001  
CP 53, 13710-970 – Tambaú, SP

O essencial  
não é aquilo que se fez  
do homem,  
mas aquilo que ele fez  
daquilo que fizeram dele.

Jean Paul Sartre (1905-1980), em  
Guardião da Noite, 1996, de  
Angelica Turini Ferreira

Solta-te alma condoreira  
arremessa-te às alturas  
na busca de outra fronteira...  
Não temas nuvens escuras,  
altea-te qual bandeira  
impávida nas fragras.

Miguel J. Malty,  
SQN 314, Bloco C, Apto. 215  
70767-030 – Brasília, DF;  
de Sonhos e Ansios

Nos ramos de um galho,  
o sol brilha no arvoredo  
gotinhas de orvalho.  
Detalhe

Imprevisto e arisco,  
um traço de luz no espaço  
rabisca o corisco.  
Instantâneo

Um véu de neblina...  
Caçada... Noite embaça-  
da...

Um vulto na esquina!!!  
Suspense

Mágica cortina...  
Paisagens viram miragens  
atrás da neblina!

Névoa  
Miudinha, à toa,  
na tarde, cai sem alarde  
a fria garoa.  
Relento

Levemente assim,  
à toa, fina garoa  
refresca o jardim.  
Carinho

Sebas Sundfeld, de  
Haicais Guilhermianos, 2001  
ccaatambau@netsite.com.br

Inquietude e medo  
caíram barreiras  
muros referências  
pobre homem

das ruas das nações ricas  
roubando  
matando  
seqüestrando  
cenário de grande impacto  
pobre homem!

Angelica Turini Ferreira  
(fax 259-6698), Medo, de  
Guardião da Noite, 1996

Crua e fria realidade,  
falta de doces vapores...  
Infeliz a sociedade  
que perdeu seus sonhadores.

Miguel Jorge Malty, de  
Sonhos e Ansios

Vou ao *show*,  
só assisto.  
No estádio,  
só assisto.

Na política,  
só assisto...  
E à minha  
sub-vida  
nem assisto.

Aro, Telespectador, em  
Jornal Leco 0110  
Caixa Postal 3013,  
86025-970 – Londrina, PR

Vida – princípio da morte,  
morte – final desta vida;  
ficando ao sabor da sorte,  
o metro dessa medida.

Maria Cecília Quartim Barbosa, em  
BI UBT SP 0109

No pensamento  
nas veias  
corre o sangue  
dos meus antepassados  
fantasmas que devassam  
e anestésiam

os pensamentos.

Angélica Turini Ferreira  
(fax 259-6698), Neurônios, de  
Guardião da Noite, 1996

No ar, perfume das rosas  
e asas, asas nervosas  
em alegres espirais.

Voltaram as andorinhas...  
Voltam hoje

as queixas minhas  
porque tu não voltas mais...

Miguel Russowsky,  
Voltaram as Andorinhas (trecho),  
em Estro 0177

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) PRIMAVERA		
Preso na gaiola o tico-tico enjaulado, canta de trizteza. Alison Cardoso de Oliveira	Noite sem dormir Até a madrugada, os gatos em brigas de amor... Guim Ga	Perfume gostoso, parece vindo do céu. Magnólia florida. Maurício F. Leonardo
Erva curativa, sálvia com flores azuis; mulher faz um chá. Alda Corrêa M. Moreira	Curio cantador, de timbre maravilhoso. Doçura aos meus tímpanos. Haroldo R. Castro	Acordes celestiais entoa a natureza. Dia da Música! Nadvyr Leme Ganzert
Gatos em amor... miado na luz romântico... fuzes se acendendo. Arlita Thomaz Fellmann	Raia o dia. Ipê revestido de flores anuncia a primavera. Hélcio Dursi	Manhã no terreiro. Tico-tico se alimenta pardal afilgenta. Olga Amorim
Do topo do muro chuva de vasos de orquídeas. Gatos em amor. Carlos Roque B. de Jesus	Debaixo do ipê o pobre dorado, encolhido. Casa de sape!... Hermoclydes S. Franco	De manhã, cedinho, faço uma caminhada. Afagos da brisa!... Oliaria Alvarenga
Neveeiro intenso, visibilidade, zero. Manhã perigosa. Cecília do Amaral Cardoso	Pintassilgo canta... Vejo, no cipreste verde, um cabeça preta. Héron Patricio	Na gaiola azul, o verde, o amarelo, o preto: pintassilgo preso. Patricia Maia Patricio
Buganvilla branca em meio ao seco cerrado. Oásis de flores. Cecy Tupinambá Ullêa	No Dia da Música, ligo o rádio esperançoso: apenas barulho! Humberto Del Maestro	No reino da mata a bela sibitiruna transpira nobreza. Regina Célia de Andrade
Canta o sabiá no galho da laranjeira batendo as asinhas! Edel Costa	Bruto de verde festivo, viça entre ervas daninhas. José Walter da Fonseca	O vento desfralda as folhas da bananeira... Dia da Bandeira! Santos Teodósio
Ressao trombetas neste Dia da Bandeira. Ordem e Progresso. Fernando Ribeiro da Cruz	Canta um sabiá. Respondendo, um outro lá, que também me encanta! Luis Koshitiro Tokutake	Muitas gaiolas, só canários-da-terra: produto ilegal. Sergio de Jesus Luizato
Vandeiro acha sombra, que agrado aos pés da araucária! - Flor branca na alfombra. Fernando L. A. Soares	De olhos fechados juntos se aquecem com a mãe... filhotes de gato! M. U. Moncam	Mínuscula flor delicada miosótis cantando estampado. Sergio Serra
Casinha no poste, lar de canoro engenheiro... doutor joão-de-barro! Fernando Vasconcelos	atrás de suas imagens: bolhas de sabão... Mariemy Tokumu	Os meninos descobrindo o gato em amor. Yedda Ramos Maia Patricio

### SELEÇÕES MENSAIS

## FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

### Remeter até 30.12.01, quigos à escolha: Dália, Dia de Ação de Graças, Lambari.

Remeter até 30.01.02, quigos à escolha: Andorinha, Dia do Arquiteto (11.12), Jacinto.

Fazer um haicu é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o quigo – palavra da sazão – (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haicu por conter o quidai, tema da estação, através de *seu assunto principal*, o quigo.

O haicu deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do quigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicu conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Cada haicu deve ser como uma fotografia (instantânea e sem retoques) em uma exposição. Evitar ao máximo pois, todo o texto impossível de ser revelado numa fotografia.

Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

- 1 - Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
- 2 - Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afir de selecionar 10% deles.

- 3 - Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a quigos cujo autor deixar de votar.

### HAICUS EM FOLHA

Mãos sujas de terra, exibem com alegria grande macaxeira! Elen de Novais Felix Fasisto no bosque micuins pegam carona coceira geral. Darly O. Barros	Sob folhas ralas a carnuda macaxeira se esconde na terra... Walma da Costa Barros	Choro e correria! Fim de passeio ecológico... Micuins atacando! Maria Madalena Ferreira
Passo no bosque micuins pegam carona coceira geral. Darly O. Barros	Alegria à mesa... - tem bolo de macaxeira! - E pratos se cruzam!... Leonilda Hilgenberg Justus	No chá da amizade, bolinhos de macaxeira. Estreitam-se os laços... Amália Marie G. Bornheim
No lombo do gado, indesejada carona... Rubros micuins! Elen de Novais Felix	Mãos na direção... lá vai ele assoando. Dia do Motorista. Maria Reginato Labruciano	Macaxeira frita. Garoto espereita... e no prato um pedaço a menos. Maria Reginato Labruciano
Sol acarcia, o motorista, na estrada saudando o seu dia! Elen de Novais Felix	Renovo a passagem... É Dia do Motorista. Processo de fé. Ercy M. M. de Faria	Faixas na estrada no Dia do Motorista: "Tens vidas nas mãos!" Leonilda Hilgenberg Justus
Um mundo de gente na igreja de São Cristóvão. Dia do Motorista. Manoel F. Menendez	- No Dia do Motorista... São Cristóvão guia... Maria Madalena Ferreira	Ao longo da trilha grupo emboscado no mata. Micuins atacam. Maria Reginato Labruciano
Caboclo no mata, na volta vem se coçando. Micuim danado! Dialda Winter Santos	Tamanho não conta... Micuim e o veloco cavalo aos tapas e... beijos! Ercy M. M. de Faria	Caminhões, na estrada. No seu dia, os motoristas espereitam a noite... Amália Marie G. Bornheim
Escassez de pão... Macaxeira saborosa e bom apetite! Ercy M. M. de Faria	Macaxeira enxuta vem fumegante no prato. Café já na mesa. Manoel F. Menendez	Micuum gridud. O cachorro em desespero e o guri também. Alba Christina
Um cavalo se arrepija, micuim no seu corpo. Analice Feitoza de Lima	Segue São Cristóvão processo motorizada, Dia do Motorista. Maria App. Picanço Goulart	Casa sertaneja, macaxeira bem novinha com café torrado... João Batista Serra
Animais parando. Motorista em festa no dia do padroeiro festeja o seu dia... Edmar Japiassú Maia	Tão cansado à noite... É Dia do Motorista, nem quer celebrar. Dialda Winter Santos	Aroma de roça: o bolo de macaxeira tempera o café! Edmar Japiassú Maia
Em pleno roçado macaxeira enchendo os olhos de famintos indios. Analice Feitoza de Lima	Na hora do almoço, alimento do peão: macaxeira branca. Walma da Costa Barros	Nascem macaxeiras. Do solo, as raízes negras de coração branco. Renata Paccola

### CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: → → → → → → → →  
O trevo guilhermano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo senriu à ocidental é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

Os trevos *senriu*, *haicu de sação vaga* e, simplesmente, *haicu* (único a conter quigo), são sempre **"aqui e agora"** – **não conceituais, sendo:**

trevo senriu ou personagem, *não filosófico*, expressa os sentimentos e intepreções do povo no seu dia a dia; trevo haicu de sação indeterminada (*aborda a natureza sem situar a estação*); trevo haicu, poesia pura – (*o quigo, situa a estação em que o poeta está*), dispensa títulos.

O trevo haicu é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo e o simbolizamos pelo ipê.

### UM CASO EM UM MILHÃO

Poindexter, o velho carrasco que me ensinou seu trabalho, chamou-me antes de morrer. Seu pensamento nunca abandonava sua profissão, portanto, foi sobre isto que conversamos.

Sentei-me na cama de Poindexter: – Como está se sentindo, Mr. Poindexter? – perguntei, porque ele não me parecia muito bem. – Posso fazer algo pelo senhor? O senhor gostaria de um gole de brândi? Tirei uma garrafa de um dos meus bolsos. O velho Poindexter abanou sua cabeça, e falou:

– Eu prometi a minha velha e querida mãe que nunca beberia e não vou quebrar a minha promessa agora. De qualquer forma, sempre discorde de quem bebe. Marque bem minhas palavras. Colocar os drinques em primeiro lugar faz muito mal às pessoas. Você deveria saber disso sem que eu lhe dissesse.

E continuei: – Porque uns bons quatro de cada dez dos nossos clientes, não teriam chegado até nós, Balsam, se não tivessem se entregado aos drinques. Um copo de cerveja, como dizia minha velha mãe, nunca traz a animação suficiente... Não, obrigado, Balsam. Principalmente uma bebida forte. Ela poderia virar meu estômago. Vou tomar um ovo batido com leite quente e um pouco de açúcar. Você pode tomar o seu brândi, se quiser, no entanto, lembre-se, o eu estou advertindo contra ele. Aliás, você deve evitar a bebida especialmente antes de um trabalho. Qualquer trabalho, Balsam, meu menino.

Eu disse: – Sei, Mr. Poindexter. O senhor tem sido como um pai para mim, sempre. O velho Poindexter respondeu:

– Bem, o que eu queria dizer é que sempre gostei de você como uma espécie de filho. Eu lhe ensinei seu ofício, não ensinei? E eles podem falar o que quiserem de mim, mas vou entrar para a história como o Primeiro Carrasco Científico do mundo. Balanço a cabeça:

– Os outros, você sabe, eles apenas ensinam um homem. Eu, eu o *executo*. Porque, deve ter sido no tempo da morte de Barton Place, quando eu aperfeiçoei o que eles agora chamam de *Queda Poindexter*. Estávamos em 1897...

– Eu era apenas um aprendiz então, falei, e a *Queda Poindexter* surgiu um pouco depois que comecei, Mr. Poindexter, mas eu me lembro de tudo. Era o senhor que me treinava, eu tinha que me lembrar, não é mesmo?

Ele respondeu, ainda pleiteando para si uma certa severidade, alguma coisa parecida a um professor ansioso dando conselhos a um aluno nervoso às vésperas de um exame final, como se o temor de deixar de demonstrar muita coragem fosse diminuir o valor dos conselhos.

– Você deve entender este caso, único, em um milhão. O que os jornais chamaram de *Uma Ironia do Destino*... Você é um garoto de sorte, Balsam, um garoto de sorte!

Então eu disse: – Eu odiei este trabalho, para lhe dizer a verdade. Eu daria metade da cabeça para ficar doente e deixar alguém fazê-lo por mim.

Poindexter sentou-se e sua voz era cheia de agonia quando ele gritou: – Não! Você seria chamado de moleirão e nunca deve deixar que isto aconteça! Não negligencie, Balsam, ou eu...  
Então perguntou, lamurioso: – Quem poderia tomar seu lugar? Bill Vince? Bill Vince é muito nervoso. Por duas

Trevo senriu à ocidental ou trevo ocidental:

A obra que deixou despista a ausência do artista, que a morte levou.  
Sebas Sundfeld, Transcendência

Bandeira Auriverde...  
Teu hino, hoje, é cantado em todas as escolas.  
Guim Ga

Trevo senriu ou trevo personagem:

Seresta entre amigos, canções daqueles serões dos tempos antigos.  
Sebas Sundfeld, Modinha

O mastro, um bambu e no barbante a bandeira que o menino hasteia...  
Darly O. Barros (SF 9902)

Trevo haicu de sação vaga ou trevo haicu subentendido:

Um templo obscuro... Qual prece, a florzinha cresce na fresta do muro.  
Sebas Sundfeld, Humildade

Drapejando ao vento bandeiras verde amarela... pé de bananeira.  
José Walter Fonseca

Trevo haicu:

*Quigos de primavera*, fato atmosférico e vivencial:

Virações ociosas, no mar, estão a soprar ondas preguiçosas...  
Sebas Sundfeld, Mansidão

Ordem e Progresso brandem ao sabor do vento. Dia da Bandeira.  
Marcelino Rodrigues de Pontes

vezes ele estragou as correias. Uma outra vez, quando estava envolvendo a cabeça de Littlecrown, aquele que matou Schafffield Hatcher, ele machucou seus lábios com a unha do dedão. Littlecrown deixou escapar um grito e virou a cabeça antes que eu puxasse a lingueta. Aquele foi o único trabalho que eu fiz sem cuidado; e tudo por causa do erro de Vince... Não, Balsam, com meu último sopro de vida eu lhe digo:

– Não me abandone agora, pelo amor de Deus!

– Mr. Poindexter, eu prometo que não vou deixá-lo. Só que eu gostaria que o senhor estivesse atrás de mim, ajudando-me... Poindexter falou:

– Sei disto, meu menino. Eu me senti como você se sente agora quando executei Mrs. Nardwick por ter matado seu marido, há 15 anos. Eu tinha nervos, então, e deixava-os interferir no meu trabalho. Entre enforçar uma mulher e enforçar um homem há uma certa diferença, você entende. Espero que você nunca precise enforçar uma mulher! Não vamos entrar em detalhes, filho, mas Mrs. Nardwick ficou na minha cabeça algum tempo, depois daquilo. De fato, você sabe, eu tenho o coração mole! E sempre penso na minha querida e velha mãe, você sabe... Eu nunca suportei ferir uma mulher, Balsam!

– Disseram que o que o senhor inventou é uma tal de *mortinst*...

– Certo, certo, *morte instantânea*. Porque, na verdade, eu nunca suportei ferir ninguém, Balsam! E não foi por outro motivo que trabalhei arduamente na *Queda Poindexter* e tentei arranjar uma maneira para que tudo acontecesse num segundo: cabeça coberta, braços e pernas amarrados, corda ajustada – simultaneamente e... *clique!*  
– Da maneira como trabalha, Mr. Poindexter, ninguém pode ferir-se, disse eu.

– Não, não, exclamou Poindexter ansiosamente. As pessoas não podem nem chegar a sentir algo parecido com uma dor de dente. Elas têm que sentir somente uma espécie de vento nos ouvidos. Elas têm que, simplesmente, ver estrelas e depois mergulhar na escuridão.

– Sim, mas...  
– Não! Espere um momento! Eu sonhei, na noite passada, para ser exato, que estava caindo. Eu estava subindo lentamente por uma escada de mão e, de repente, parava num degrau que não existia e caía milhares de quilômetros antes de chegar à cama da qual, na realidade, nunca tinha saído. E eu sabia que só havia se

passado um quarto de segundo. Então, *mortinst!* Será que você consegue?  
– Juro, Mr. Poindexter, vou fazer *mortinst*, falei.

O velho carrasco balançou a cabeça e disse:

– Eu lhe pergunto, o que é *inst!*? Você pode viver toda uma vida num segundo, num sonho... E o que é um sonho? *Inst*. Entretanto, meu garoto, tudo isto pode ficar de lado. O importante é que eu não estarei ao seu lado para ajudar no trabalho. Portanto, tenha iniciativa e não me deixe mal, meu jovem.

Ele pareceu animar-se.  
– Venha cá, filho. Você tem seus pesos e medidas exatos? Então ele me tomou a lição, como se toma de uma aluno: *para um homem que pesa tanto, com tantos centímetros de diâmetro no pescoco, o que você faria? Faça isto e isto e aquilo*... Demorou-se pouco naquilo e, depois, a propósito de nada, recomeçou:  
– Sabe? Eu nunca pude tirar Mrs. Nardwick da minha cabeça.  
E eu só pude dizer:

Eu sei senti como você se sente agora quando executei Mrs. Nardwick

Penso e perguntou-me: – Isto pode acontecer a uma pessoa de bom coração, você não acha, Balsam? Veja o caso da minha Clara. Ela era um

mulher maravilhosa e eu a fiz acreditar que tinha uma charutaria para que não sofresse, lógico. Bem, quando ela descobriu o que eu realmente fazia, não disse uma palavra. Qualquer outra mulher teria me abandonado. Mas não Clara. Ela ficou e sofreu. Estava sofrendo muito. Portanto, que mal fiz eu quando pus alguma coisa no seu chocolate? Para livrá-la do sofrimento, eu digo. Eu lhe pergunto isto agora!

– Eu preciso ir, Mr. Poindexter. O senhor está certo de que não quer mesmo um gole de brândi?

– Não, muito obrigado, meu menino. Estou muito velho para adquirir novos hábitos. Veja você às 8 da noite na Scotland Yard. Mantenha a mão firme, lembre-se, e não deixe de sincronizar seus movimentos. Sincronia. A propósito, bem, para que a coisa dê mesmo certo, deixe-me cair mais ou menos um metro e sessenta e cinco... finalizou ele. Assim minha pele não vai estourar... Não me abandone agora, Balsam!

Gerald Kersh, em Ellery Queen – Mistério Magazine 7708